

O céu de cada um: a didática como prática reflexiva

El paraíso de todos: la enseñanza como práctica reflexiva

Everyone's heaven: teaching as a reflective practice

Francisco Igor Alves Rodrigues¹

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Acássio Paiva Rodrigues²

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Luciana Rodrigues Leite³

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Resumo

A didática é mais que o ensino de técnicas e mecanismos, é o estudo do processo de ensino-aprendizagem em todas suas dimensões. O trabalho foi desenvolvido com cinco graduandos da disciplina de Didática Geral em um curso de licenciatura em Artes em uma Instituição de Ensino Superior. De método qualitativo (Minayo, 2001), preocupa-se com a ressignificação dos motivos, emoções, crenças e valores que não podem ser quantificados por meio de variáveis numéricas. Deste modo, tem como objetivo relacionar a Didática teórica com uma aula nada ortodoxa, trabalhando com um tema singular, o céu, e assim, desenvolver uma relação entre a prática desenvolvida, com o ensino, possibilitando a reflexão crítica dos estudantes sobre a didática, saberes docentes e o ser professor (a), a partir de suas representações do que significaria o céu. Deste modo, conclui-se que a didática possibilita construção de uma aula reflexiva, centrada no diálogo entre professor(a) e estudante.

Palavras-chave: relato de experiência; didática; ensino superior.

Resumen

La didáctica es más que la enseñanza de técnicas y mecanismos, es el estudio del proceso de enseñanza-aprendizaje en todas sus dimensiones. El trabajo se desarrolló con cinco estudiantes de la disciplina Didáctica General de la carrera de Artes de una Institución de Educación Superior. Utilizando un método cualitativo (Minayo, 2001), se ocupa de replantear motivos, emociones, creencias y valores que no pueden cuantificarse a través de variables numéricas. De esta manera, se pretende relacionar la Didáctica teórica con una clase poco ortodoxa, trabajando con un tema singular, el cielo, y así, desarrollar una relación entre la práctica desarrollada, con la enseñanza, posibilitando la reflexión crítica de los estudiantes sobre la didáctica, la enseñanza del conocimiento y el ser un maestro, basándose en sus representaciones de lo que significaría el cielo. Por lo tanto, se concluye que la enseñanza posibilita la construcción de una clase reflexiva, centrada en el diálogo entre profesor y

¹ Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia, Fundação de pesquisa em Belo Horizonte, Minas Gerais. E-mail: francisco.rodrigues@ufu.br - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1060-9085>.

² Mestre em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor da Rede Municipal de Educação de Paraipaba-CE. E-mail: acassio.paiva@ufpe.br - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6981-2598>.

³ Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. Professora da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: lurodleite@gmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1915-6462>.

alumno.

Palabras clave: informe de experiencia; cosas didácticas; enseñanza superior.

Abstract

Didactics is more than the teaching of techniques and mechanisms, it is the study of the teaching-learning process in all its dimensions. The work was developed with five students studying General Didactics in an Arts degree course at a Higher Education Institution. Using a qualitative method (Minayo, 2001), it is concerned with the reframing of motives, emotions, beliefs and values that cannot be quantified through numerical variables. In this way, it aims to relate theoretical Didactics with an unorthodoxy class, working a singular theme, the sky, and thus, develop a relationship between the practice developed, with teaching and being a teacher, based on their representations of what heaven would mean. Therefore, it is concluded that didactics enables the construction of a reflective class, centered on dialogue between teacher and student.

Keywords: experience report; didactic; university education.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade está em constante mudança, e o homem do mesmo modo, também passa pelo processo de transformação. Outrora, ficávamos maravilhados com celulares com teclas que só davam para fazer ligações. Atualmente, estes aparelhos são chamados de obsoletos. Diariamente novos aparelhos são lançados no mercado, com tecnologia cada vez mais avançada. Isso faz refletir que do mesmo modo que a tecnologia, a sociedade e o homem evoluem, a educação não pode ficar de fora desse processo, os métodos de ensino precisam acompanhar a evolução presentes no meio social onde também estão inseridos os docentes e discentes.

Assim, a perspectiva da educação pautada na teoria de Paulo Freire (2022) traz para educação um novo olhar, o qual tece suas críticas ao modelo de ensino tradicional, que aprisiona os docentes aos preceitos morais, a memorização, repetição de conteúdo. Para o referido autor a educação deve ser pensada de maneira contextualizada e crítica, propondo uma intervenção voltada à transformação social, colocando o docente como protagonista de sua história e o professor o mediador “Como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo” (Freire, 2022, p. 96).

Deste modo, na busca para superar estas problemáticas em relação ao ensino tradicional, a didática surge como uma alternativa que possibilita a reflexão sobre como o ensino acontece, isto porque segundo Candau (2012) o objeto de estudo da didática é o processo de ensino-aprendizagem.

Mas então o que seria esta Didática? Assim como existem várias teorias da educação, também existem vários conceitos sobre didática. Para Libâneo (1994) a didática trata-se de uma disciplina pedagógica que tem como objeto o ensino e utiliza deste para mediar à relação ativa dos alunos com o saber sistemático. E este saber por sua vez, está relacionado com as finalidades educacionais.

A esse respeito, Pimenta (2008), analisa a didática como sendo uma área da Pedagogia cujo objeto de investigação é o próprio ensino. Logo, entende-se o ensino como prática social, e que por isso, estudá-lo, é considerar os contextos sociais na qual este está inserido e sendo realizado. Para Castro e Carvalho (2001), a didática tem como propósito a orientação do ensino, recorrendo, desta forma, à reflexão de caráter teórico e científico. A didática para Luckesi (2012), precisa assumir um papel de transformação, que possibilite mudar o rumo dos educadores, que não se limite ao ensino de técnicas, mas que permita uma aliança entre opções filosóficas-políticas, de conteúdos de área e o exercício da educação.

Em Pedagogia da autonomia, Freire (2022) compreende a didática como processos pedagógicos que viabilizem a humanização e centrada nas histórias dos sujeitos. Um processo de ensino-aprendizagem que supere o status de “formador” e “formando”, para que o estudante seja atuante na sua construção de conhecimento, e não somente o receptáculo de informações.

Contudo, para que esse status mude, é necessário que o professor (a) possua uma didática que permita ao(s) estudante(s) a possibilidade de reflexão e construção do saber. Porém, do mesmo modo que as pessoas são únicas, a prática pedagógica dos(as) professores(as) também é única. As experiências pessoais, profissionais, educacionais colaboram nesta subjetividade.

Além disso, para Franco (2015, p. 605), “as práticas pedagógicas organizam-se em torno intencionalidades, previamente estabelecidas e tais intencionalidades serão perseguidas ao longo do processo didático, de formas e meios variados”. Quais objetivos eu vou querer atingir com meu trabalho? Qual a finalidade dos conteúdos? Como os conteúdos ministrados irão ser úteis na vida dos estudantes e não somente na sala de aula? Está finalidade vão orientar o (a) professor (a) a organizar o material, conteúdos, bem como a melhor maneira de desenvolvê-los.

Deste modo, o processo de ensino-aprendizagem exige objetividade e “não se pode pensar em objetividade sem subjetividade” (Freire, 2022, p. 50). Essa

subjetividade aflora na ação pedagógica ideologias pessoais marcadas por contextos históricos, social, situacionais que se formam no decorrer da ação, e sendo assim, a ação pedagógica não poderá ser compreendida como uma ação neutra.

Assim, Nóvoa (1992) destaca que sem uma adequada formação de professores, não há ensino de qualidade, nem reforma educativa e nem inovação pedagógica. Mas chegar no status de autoanálise da prática, reflexão e superação do método tradicional, em uma nova perspectiva acerca do processo de ensino-aprendizagem envolve rompimentos de diversos paradigmas que impõe a própria prática pedagógica, de um lado vindo dos próprios alunos que aguardam instruções e o contínuo repasse de informações, e de outro o professor, que não compreende a necessidade de se distanciar do repasse tradicional.

É nessa superação do ensino nos moldes da escola tradicional que emerge a educação problematizadora, centrada na dialógica entre o educador e o educando, em que um aprende com o outro, em uma relação não mais opressor-oprimido, mas em uma relação dialógica-dialética. Dito dessa forma, é no diálogo entre o educador e educando que se cria uma educação reflexiva, transformadora, que abrange o contexto dos discentes, que conhece sua realidade, tornando-a dotada de significados. Logo, o Diálogo tem que ser dialógico, capaz de provocar reflexões relevantes na vida e no meio social do discente que alvo do processo de ensino-aprendizagem.

Assim, o processo de ensino-aprendizagem deixa de ser apenas o repasse de conteúdos para os discentes, e passa a ser uma troca de saberes provenientes da relação ativa entre os estudantes e professor(a) em que o objetivo não é apenas notas em papel, mas o desenvolvimento intelectual e psíquico dos discentes de modo que eles possam utilizar destes saberes apreendidos na vida cotidiana.

Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo relacionar a Didática teórica com uma aula nada ortodoxia, trabalhando com um tema singular, o céu, e assim, desenvolver uma relação entre a prática desenvolvida, com o ensino, possibilitando assim a reflexão crítica dos estudantes sobre a didática, saberes docentes e o ser professor (a). E esta prática foi escolhida para este trabalho devido ao próprio modo como foi desenvolvida pelos discentes e a professora, e que na humilde opinião deste autor, trás em si o que Freire (2022) retrata como didática, uma prática pedagógica que viabiliza a humanização, gestada na história dos sujeitos em

que o professor(a) e os alunos, juntos, fazem parte do ato de conhecer.

2 METODOLOGIA

Este trabalho se configura como relato de experiência que embasa uma prática docente ocorrida em uma turma de Didática Geral no curso de Licenciatura em Letras Artes, na Universidade Federal de Uberlândia. Trata-se de uma pesquisa de método qualitativo que, segundo Minayo (2001) preocupa-se com a resignificação dos motivos, emoções, crenças e valores que não podem ser quantificados por meio de variáveis numéricas. O método qualitativo nas pesquisas, permite abstrair as informações de ambientes reais, análises sob diferentes pontos de vistas epistemológicos e teóricos, além das multiplicidades e subjetividades dos objetos estudados.

Assim, os caminhos trilhados nessa pesquisa foram desenvolvidos com a participação de 5 discentes, a professora da disciplina e um estagiário. Desse modo, as atividades foram desenvolvidas em dois momentos: O primeiro momento aconteceu com a preparação dos participantes antes do relato. Nesse momento inicial tivemos ainda todo o cuidado de fazer uma preparação destes sujeitos sociais antes de colher seus relatos, propondo que eles(as) parassem em algum momento do dia para olhar o céu, e que tirassem uma foto, e deste modo, trouxessem esta imagem, juntamente com uma palavra que representasse seu sentimento ou pensamento sobre aquele registro.

O segundo momento aconteceu recheado de surpresas, com momentos reveladores de situações e sentimentos expostos pelos pesquisados, impossibilitando, pelo grau de sensibilidade, que a didática orientada fosse seguida à risca. Isso faz refletir que ser didático também é aprender lidar com a subjetividade, é saber identificar como o estudante aprende. Como vou ensinar algo a alguém se não sei como este alguém aprende. “Professor que aspira ter uma boa didática necessita aprender a cada dia como lidar com a subjetividade dos alunos, sua linguagem, suas percepções, sua prática de vida” (Libâneo, 2002, p. 7).

Dessa feita, a aula tornou-se um momento de reflexão, autoconhecimento e aprendizado tanto sobre a importância da didática e suas dimensões, como também sobre a subjetividade e a diversidade presente em uma sala de aula.

Por fim, os pesquisados expuseram seus sentimentos em torno da fotografia e sua representatividade, o qual tivemos as seguintes respostas: ressignificação, liberdade, angústia, desejo e solidão. Através destas significações, a aula se desenvolveu por meio das conversações e reflexão, tanto sobre as suas representações do céu e suas significações quanto pela reflexão sobre a didática da aula e sua aplicação nas aulas dos futuros professores.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando olhamos o céu, inúmeras perguntas podem emergir com uma ação. Tem nuvens ou não? Qual a cor do céu agora e que cor estava mais cedo e que cor você acha que vai ficar mais tarde? Por que muda a cor do céu dependendo do horário que você olha? O que você sente quando olha o céu? Pois assim deveria ser em uma sala de aula. Um (a) professor (a) didático (a) deve possibilitar a geração de perguntas, “o que move o mundo são as perguntas e não as respostas”. Uma educação que liberta é fundada na produção do pensamento sob o qual a criticidade e a dialógica não apenas é importante, mas necessária.

A seguir, encontrarão as discussões acerca das significações do céu para os estudantes. Para facilitar a compressão, a fala dos estudantes estará entre aspas e com a identificação E1, E2, E3, E4, E5, a fim de preservar a identidade dos sujeitos.

3.1 Ressignificação

O que seria ressignificar algo? Em algum momento da nossa carreira enquanto professor(a), ou na nossa vida cotidiana enquanto pais, filhos(as), tios(as), amigos(as), gostaríamos da possibilidade de alterar nosso sentimento sobre algum acontecimento. Talvez um lugar ou situação que nos traga algum sentimento de tristeza ou raiva e que gostaríamos de possuir um sentimento diferente, um sentimento que desperte alegria, por exemplo, pois bem, isso é ressignificar.

Para elucidar o conceito de ressignificação, consideramos de acordo com Bachur (2021) que ressignificação se trata de um processo em que um termo ou algo antes utilizado no sentido pejorativo, depreciativo ou negativo, é invertido por aqueles que o fazem uso e que passam a lhe atribuir novo sentido positivo.

Assim observamos que na atividade proposta, o Estudante “E1” trouxe uma foto

do céu noturno de uma cidade em que viveu há 10 anos e que tinha visitado recentemente, assim como a noite, o céu era escuro e frio, que lhe traziam também memórias escuras e frias de um passado quase que esquecido, contudo, no fundo da foto, tinha luzes coloridas que clareavam o céu, que se infundiam na imensidão e mudavam suas cores, um novo céu. Um céu que despertou no estudante a lembrança de uma noite de festa, rodeados de amigos e pessoas queridas. O significado da foto e a ressignificação pode ser notada conforme a sua fala a seguir:

O céu era cinza e 10 anos depois o céu ficou melhor. As curvas e os lugares mudaram, mas ainda era o lugar. O lugar era melhor. O céu não era mais cinza, o céu era azul, era laranja, o céu tinha se ressignificado (Estudante E1).

Vocês já foram a um lugar no passado e foram recentemente novamente e notaram o céu? Como estava e como está agora? O céu mudou ou será que foi a gente? (Estudante E1).

Diariamente somos sujeitos que transforma e somos transformados, mudamos na medida em que vivenciamos situações cotidianas. Somos influenciados e influenciados aqueles com quem com a gente convive. Ser professor é carregar sonhos, é motivar, é ensinar a ver o mundo em uma nova perspectiva, é transcender o palpável e ressignificar o céu. Carregamos nossos sonhos e daqueles que com a gente apreendem e com quem também aprendemos.

Ser didático, deste modo, é possibilitar a reflexão não somente sobre o objeto de estudo da aula, mas de como este objeto este presente no dia a dia. É permitir que os estudantes reflitam sobre quem são, sobre quem foram e sobre quem serão. Não é somente sobre conteúdos abstratos, é sobre criticidade.

3. 2 Liberdade

A liberdade é subestimada, a constituição nos garante o direito a liberdade em alguns aspectos, o inciso 15º do artigo XV da constituição discorre sobre o direito de ir e vir, por exemplo. E em vários momentos nos últimos tempos, ouvimos falar sobre a liberdade de expressão. Se essa tal liberdade existe, será se a possuímos? Paulo Freire (2022) no que diz respeito a educação, acredita na educação que liberta, em uma educação emancipadora, em uma educação capaz de transformar a realidade na medida em que o sujeito compreende o sistema opressor-oprimido e desenvolve sua autonomia, consegue através da educação romper com esse sistema, e desta

maneira consegue mudar sua realidade e conquistando assim, sua liberdade.

No tocante a atividade, o Estudante “E2” trouxe uma pintura, um desenho do céu que ele mesmo fez, que para ele representava a liberdade, a ideia era ter a liberdade de escolha, poderia desenhar seu próprio céu, de onde seus pés pisam, com ou sem nuvens, nas cores que desejar. Para o estudante, liberdade tem a ver com escolhas.

Tentei pintar o céu. Mas com ou sem nuvens, azul, laranja, branco ou misturado? (Estudante E2).

Já parou para pensar que normalmente quando vamos desenhar o céu fazemos as nuvens em azul, mas na verdade as nuvens são brancas ou cinza. É muito comum perceber isso nos desenhos das crianças. Por que será que isso acontece? (Estudante E2).

E que cor é o céu? (Professora).

Depende, às vezes está azul claro, mais alaranjada no fim da tarde e a noite preto ou azul escuro (Estudante E3).

E como explicar para uma criança essa diferença de cores? (Professora).

Perceba que através de uma prática pedagógica simples surgiu uma gama de indagações que geram novos questionamentos e fazem a aula fluir, pois desperta o a curiosidade dos discentes, de modo que todos que ali (na sala de aula) estão, se envolvem no processo dialógico de construção de conhecimento. A aula não é dada, é construída pelo professor (a) e discentes em conjunto.

3. 3 Angústia

Nesta atividade, o discente na impossibilidade de ver o céu, trouxe para a aula uma nova perspectiva da atividade. A de criar o próprio céu, criar o céu dentro da sala. E faz isso em forma de um experimento. Ele cria o céu dentro do seu quarto e trouxe o céu para dentro da sala de aula.

Utilizando de uma lâmpada ou a própria lanterna do celular cria a luminosidade necessária para clarear a sala e então, coloca um plástico colorido em cima da luz, e dependendo da cor do plástico e intensidade da luz, a sala se transforma no céu que você quiser.

Na experiência em casa, no seu quarto, o discente ficou deitado na cama, e reproduziu o seu céu no teto, e então ele fala que ficou olhado aquele azul no teto, encarando-o, admirando-o. Colocou uma música para tocar, e então foi levado a

memórias, boas, reflexivas e memórias tristes, que mudavam à medida que o som mudava.

O mais interessante aconteceu quando ele percebeu que além da azul, do laranja que se formavam e dos sons da música, surgiu uma sombra no teto. A sombra não era ruim, a sombra fazia parte do seu céu, conforme exposto a seguir: “A gente quer se esconder das sombras, mas as sombras fazem parte. A sombra, qualquer sombra em um dia de sol faz refrigerar” (Estudante E3).

Na sala de aula, ele reproduziu o experimento. As carteiras estavam organizadas em círculo, então ele usou a lanterna do celular no centro do círculo, colocou o plástico azul sobre a luz, e colocou uma música para tocar, uma trilha sonora lenta, mas animada, que despertava na turma diversas emoções quando em conjunto com a luz no teto, na parede. Naquele momento ele questionou sobre as sombras. As sombras formadas pela luz e o ventilador no teto. Nas sombras formadas pela luz nas cadeiras e em nós mesmo, atrás da gente.

3. 4 Desejo/existência

Nossos ideais, nossas crenças, o que acreditamos ou deixamos de acreditar nos acompanham durante nossa caminhada que é chamada de vida. Estes valores, crenças e ideais, são refletidos pelos estudantes dentro da instituição de ensino, em seus discursos, em suas atitudes. Não temo como desassociar o “eu pessoal” do “eu profissional”, do mesmo modo, o sujeito estudante não consegue deixar a sua personalidade guardada no armário em sua casa, é incorporada em seus que fazeres na sala de aula.

E na atividade do discente, a realidade e as crenças são incorporadas através da sua experiência com o céu. “Deitei-me no quintal e olhei para o céu. Senti como se tivesse acima do que realmente esta. Sensação de que existe algo olhando de volta. Pensar que está se projetando no céu” (Estudante E4).

É interessante como até o medo é refletido nas atividades que realizamos. Durante a conversa sobre está atividade, o estudante relatou sobre um medo que possui, o medo de olhar para coisas profundas, que não consegue ver o fim. Como olhar para o fundo de um poço profundo ou um lago. Não enxergar o fundo, o chão, lhe causa náuseas e naquela experiência com o céu, o seu medo se mostrou. “Ver a

profundidade do céu, seu infinito é belo e assustador. Nunca tinha percebido o céu desta maneira” (Estudante E4).

Quantas vezes enquanto professor não percebemos as coisas como elas de fato são. Quantas vezes paramos de ver os discentes como seres que precisam de atenção, e que enfrentam problemas familiares ou na rua e que busca na escola o porto seguro. Os estudantes não são receptáculos de conteúdos e informações, não são tabuas fazias e nem cascas sem emoções, eles são pessoas que querem e possuem o direito de aprender e sentir. “Gosto de a sensação das coisas não serem como a gente pensa que é” (Estudante E4).

3. 5 Solitude

Sendo seres sociais, é da natureza humana criar laços sociais com os da mesma espécie. Não se trata de capricho, mas de sobrevivência. Somos seres sociais por necessidade. Os laços efetivos que criamos através das relações interpessoais com amigos, colegas de trabalho e familiares entre outros, contribuem em diversos fatores, como na saúde para sintomas como ansiedade, estresse, depressão, entre outros, e na própria constituição da identidade à medida que nos definimos ser em relação.

Contudo, conforme Cossetin (2021, p. 1041) “estar só não implica necessariamente em se sentir solitário, mas estar consigo, por sua vez, não implica desconsiderar a indiscutível importância do outro em nossas vidas, inclusive na estruturação de nossas subjetividades”.

No relato o discente descreveu a sensação de ver o céu através de sua janela. Na sensação de estar sozinho no quarto, mas não se sentir sozinho. De ter aprendido a gostar da sua própria companhia.

Era fim da tarde e me sentei para fumar na janela. Queria ver a lua, então olhei por cima do muro. Tocava uma música de boa. Estava só, ultimamente gosto de ficar só. Na pandemia queria sair, e agora quero ficar sozinho e gosto. Gosto da minha companhia (Estudante E5).

Enquanto professores (as) percebemos os estudantes que estão distantes? Como saber se é solidão ou solitude. Estão sozinhos por opção, necessidade ou consequência? A solidão é o sentimento de tristeza em função de isolamento social, ou a desconexão com o meio que cerca o sujeito. A solitude por outro lado, é não ter

medo do silêncio, não temer ficar sozinho. É sobre estar sozinho sem se sentir sozinho, é estar bem consigo mesmo.

Ensinar exige de conhecermos os estudantes, para identificar como estes aprendem. E a melhor maneira de fazer isso é conversando, perguntando. O diálogo é muito importante no processo de ensino-aprendizagem, você conhece, você aprende e você ensina, simultaneamente. Libâneo (2002, p.10) discorre sobre a didática como teorias do processo de ensino que:

[...] investiga os nexos entre o ensino e a aprendizagem, entre o trabalho docente e o trabalho discente, entre a direção do professor e a autoformação do aluno, relações essas que indicam os elementos comuns do ensino das diferentes matérias.

Quem vem primeiro, o professor (a), o conhecimento ou o estudante? Ou melhor, de onde parte o processo de ensino-aprendizagem? Penso neste processo como o triângulo equilátero, o triângulo pedagógico, em que todos os lados são iguais e cada vértice representa o Professor, o Estudante e o conhecimento.

Ensino-aprendizagem é mais que a transmissão de conhecimento é a possibilidade de reflexão sobre o mundo, sobre a vida, é autoconhecimento. É saber e se sentir no meio, é conhecer para intervir e transformar a realidade. “O céu tinha uma estrela e eu ficava olhando e pensando sobre o mundo, sobre a vida. Uma maneira de aproveitar a própria companhia, isso é solidão” (Estudante E5).

3. 6 O céu de cada um

Estamos sob o mesmo céu, logo, teoricamente deveria ser o mesmo para nós, mas temos ponto de vista diferente, logo o céu também fica diferente. Perspectivas diferentes, céus diferentes. A didática é assim. Cada professor(a) apresenta sua própria didática seu próprio modo de fazer didático. Os estudantes, por sua vez, também apresentam sua própria perspectiva com base de onde seus pés pisam. E como perceber isso no processo de ensino-aprendizagem?

A ideia do céu é algo que transcende, é algo que não é palpável. Como eu ensino algo intangível se eu preciso de algo concreto. Nós só conseguimos transcender esta abstração à medida que tornamos ela menos abstrata. É trazendo o conteúdo para mais perto dos estudantes. Enquanto professores(a), transcender a abstração tem a ver com amadurecimento, amadurecimento da prática pedagógica,

do dito e não dito, do que fazer pedagógico, da relação educador-educando, e do próprio ser professor(a).

As crianças usando a imaginação, veem nas nuvens aspectos de sua vida, mesmo que seja um dinossauro que assistiu em um desenho em casa. O sentido é que a leitura das nuvens abriria uma gama de possibilidades e, sobretudo, trazendo do abstrato, para o concreto. Além do mais, seria possível trabalhar a relação da perspectiva dos estudantes, a questão da subjetividade, do olhar diferenciado, o próprio respeitar as diferenças, à medida que as crianças poderiam perceber as diversas formas que as nuvens podem tomar dependendo de quem e de onde se olha.

4 CONCLUSÃO

Assim como não existe apenas uma teoria da educação, não existe também apenas uma didática. A didática, ou a arte de ensinar vai além de meras técnicas de ensino, precisa permitir a construção do conhecimento e, precisamente, permitir que o(a) estudante participe deste processo. O(a) docente precisa se perceber dentro da sua prática, refletir sobre sua ação e tornar o ensino mais significativo.

O ser professor (a) está relacionado com sua identidade pessoal, está relacionado com suas experiências cotidianas. Logo, o curso de formação precisa dar subsídios necessários para que o licenciando desenvolva habilidades, saberes e competências necessárias ao futuro exercício da docência, e para isso, também é necessário que as aulas ministradas transcendem a aula tradicional e a perspectiva de um professor (a) transferidor de saberes e de um aluno receptor de informações que nada contribui na construção da aula.

REFERÊNCIAS

- BACHUR, João Paulo. Para uma sociologia da ressignificação. **Rev. Direito Práx.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 263-295, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/v47YNbrQZWWxHBXHZPMjwvG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 jul. 2023.
- CANDAU, Vera Maria. **A didática em questão**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CASTRO, Amelia Domingues de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (orgs.). **Ensinar a ensinar**: didática para a escola fundamental e média. São Paulo: Pioneira, 2001.

COSSETIN, Vânia Lisa Fischer. Solitude e isolamento: o caráter formativo do encontro consigo mesmo. **Espaço pedagógico**, Passo Fundo, v. 28, n. 3, p. 1036-1054, set./dez. 2021. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/11810>. Acesso em: 10 jul. 2023.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, jul./set. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/qd7J5ZhhMMcbJf9FtKDyCTB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 74. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. **Contribuição das ciências da educação na constituição do objeto de estudo da Didática**. In: VII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO. Goiânia, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**: velhos e novos temas. Goiânia: Edição do autor, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. O papel da didática na formação do educador. In: CANDAU, Vera M. **A didática em questão**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NÓVOA, António Manuel Seixas Sampaio da. A formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PIMENTA, Selma Garrido. Epistemologia da prática: ressignificando a didática. In: EGGERT, E. (org.). **Trajetórias e processos de ensinar e aprender**: didática e formação de professores: livro 1. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 602-625.



Este conteúdo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons BY-NC-AS 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)